

# **Narrativas de Professores de Ciências da Natureza: experiências com a pesquisa em sala de aula**

## **Narratives of Nature Science Teachers: experiences with the research in the classroom**

**Carla Melo da Silva**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
carlamelodasilva2015@gmail.com

**Fabiana Pauletti**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
fpaulet1@ucs.br

**Maurivan Güntzel Ramos**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
mgramos@puccrs.br

### **Resumo**

Este trabalho é decorrente da análise das narrativas de professores da área de Ciências da Natureza da Educação Básica sobre suas experiências com a pesquisa em sala de aula. A questão norteadora deste estudo é: Quais as experiências relativas à pesquisa em sala de aula que narrativas de professores da área das Ciências e da Natureza da Educação Básica podem revelar? As narrativas foram obtidas no primeiro semestre 2016 com professores da Educação Básica, ingressantes num curso de Pós-Graduação *stricto sensu* de uma universidade comunitária do Sul do País. Essas narrativas foram analisadas por meio de mônadas, elaboradas na lógica de Labov (1972), de modo a retratar as experiências desses sujeitos com a pesquisa em sala de aula.

**Palavras chave:** narrativas de professores, pesquisa em sala de aula, mônadas, ensino de ciências, educação básica.

### **Abstract**

This paper presents the analysis of the narratives of teachers of the Nature Sciences area of Basic Education about their experiences with the research in the classroom. The guiding question of this study is: What are the experiences related to classroom research that narratives from Nature Science teachers of Basic Education can reveal? The narratives were obtained in the first half of 2016 with the mentioned research subjects entering a strictsense postgraduate course of a private university in the south of the country. These narratives were analyzed by monads, elaborated adapting the ideas of Labov's (1972) to portray the experiences of these subjects with the research in the classroom.

**Key words:** narratives of teachers, research in the classroom, monads, science education, basic education.

## Narrativas sobre a pesquisa em sala de aula: uma breve introdução

Este trabalho apresenta a análise das narrativas de professores da área Ciências da Natureza da Educação Básica, ingressantes num curso de Pós-Graduação *stricto sensu* no ano de 2016, durante uma das disciplinas básicas desse curso, com vistas a construir respostas à seguinte questão de pesquisa: *Quais as experiências relativas à pesquisa em sala de aula que narrativas de professores da área das Ciências e da Natureza da Educação Básica podem revelar?*

Para isso, foi solicitado a nove professores que fizessem narrativas escritas sobre o que entendiam por pesquisa em sala de aula, apresentando vivências durante sua trajetória como estudantes no curso de licenciatura ou como professores da área. Portanto, obtiveram-se nove narrativas, mas para este estudo foram analisadas apenas seis, pois empregamos a proposta do sociolinguista americano William Labov (1972), que sugere, para que uma narrativa seja considerada completa, os seguintes fragmentos: *resumo; orientação; complicação da ação; resolução; coda*. Essa proposta objetiva diminuir a variabilidade das narrativas no processo de análise. Desse modo, nem todas as narrativas estavam completas, sendo excluídas da análise, pois não contemplavam os seis fragmentos de Labov. Usamos, assim, o critério de Labov para construir mônadas, em que “[...] cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo” (*ibid.* p. 70), em comunhão com as ideias de Walter Benjamin<sup>1</sup>, que refere: “se imprime na narrativa a marca do narrador” (BENJAMIN, 1987, p. 205). No tópico *Percurso metodológico* se descreve mais detalhadamente as etapas que consistiram na construção das mônadas. Após a construção das mônadas, as mesmas foram aproximadas aos pressupostos da pesquisa em sala de aula (MORAES; GALIAZZI; RAMOS, 2012) a fim de buscarmos aproximações às possíveis relações existentes entre essas mônadas e o que os professores narram sobre as experiências envolvendo a pesquisa em sala de aula. Nesses pressupostos da pesquisa em sala de aula o **questionamento** desencadeia a pesquisa; **a construção de argumentos** visa à busca de informações, de modo teórico-prático, que contribuam para a reconstrução dos argumentos existentes inicialmente pelos participantes, professor e estudantes; **a comunicação** é modo de expressar e divulgar resultados e novas impressões para legitimá-las, num processo de validação pelo sujeito aprendente.

## Pesquisa em sala de aula: pressupostos teóricos

Tratar a pesquisa em sala de aula é um modo de conduzir o ensino e a aprendizagem num fluxo contínuo de construção e reconstrução de conhecimentos já estabelecidos. Moraes, Galiazzi e Ramos (2012, p. 11) referem que esse movimento da pesquisa é “[...] capaz de fazer avançar nossa compreensão da realidade, nossa capacidade de explicar e compreender fenômenos”. Ademais, a pesquisa em sala de aula é um modo de envolver estudantes e professores num processo permanente de questionamento das verdades estabelecidas, de busca e investigação.

A pesquisa em sala de aula compreende três pressupostos principais que visam a atingir avançados estágios de compreensão do conhecimento: *questionamento, construção de argumentos e comunicação*.

A pesquisa em sala de aula pode ser compreendida como um movimento dialético, em espiral, que se inicia com o questionar dos estados de ser, fazer e conhecer dos

---

<sup>1</sup>Walter Benjamin (1892-1940), judeu alemão, era crítico literário, filósofo, sociólogo, associado à Escola de Frankfurt, tendo sido inspirado por autores marxistas e pelo misticismo judaico.

participantes, construindo-se, a partir disso, novos argumentos que possibilitem atingir novos patamares desse ser, fazer e conhecer, estágios esses então comunicados a todos os participantes do processo(MORAES; GALIAZZI; RAMOS, 2012, p. 12).

Tendo em vista que toda aprendizagem se inicia pelo *ato de questionar*, de interessar-se pelas formas que subsidiam o conhecimento já estabelecido, pelas variáveis que condicionam as verdades explícitas e implícitas, é imperativo que o questionamento seja um dos pressupostos da pesquisa em sala de aula. Quando estamos dispostos a aprender e avançar nos conhecimentos já construídos, precisamos responder a algumas perguntas que carecem de respostas e de solução. Assim, os autores entendem que o perguntar é movimento inicial da pesquisa, e, também, da pesquisa em sala de aula. (*Ibid*). É necessário, pois, que os estudantes envolvidos na pesquisa em sala de aula proponham seus próprios questionamentos, evoquem suas dúvidas e problematizem sua realidade, tornando a aula espaço de investigação.

A *construção de argumentos* é o segundo pressuposto da pesquisa em sala de aula e requer a participação intensa de todos os sujeitos envolvidos na investigação. É tentando encontrar respostas ou resolver o questionamento inicial que os sujeitos de aprendizagem tenderão a buscar e ressignificar informações com vistas a resolver o problema inicialmente proposto, complementando e reconstruindo seus argumentos por meio da superação do senso comum e mediante o avanço e aprofundamento do conhecimento já construído.

Por fim, a *comunicação* envolve os sujeitos da aprendizagem num movimento de divulgação dos resultados obtidos, mas também de validação desse novo modo de ver a realidade, visto que a explicitação das novas impressões sobre o objeto de estudo a outras pessoas, os colegas e o professor, por exemplo, permitem ao sujeito entender como verdade, mesmo que provisória. Em outras palavras, a comunicação visa a apreciações críticas, refinamentos e novas interpretações a fim de avançar e refinar cada vez mais o conhecimento. Moraes, Galiazzi e Ramos(2012, p. 19)destacaram a importância desse pressuposto no processo de pesquisa em sala de aula: “[...] se foi atingida uma nova tese em relação ao conteúdo pesquisado, então é importante colocar isso tudo à crítica. Isso é a essência da pesquisa e do avanço do conhecimento.”.

## **Narrativa e memória: pressupostos e percurso metodológicos**

A Narrativa é uma forma de linguagem e isso é relevante na pesquisa qualitativa, pois por meio da linguagem verbal ou escrita do entrevistado é possível reconstruir suas experiências. Clandinin e Connelly (2011, p. 22) destacam que:

Educadores estão interessados em vidas. [...] Educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e como esse processo ocorre; eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças, os sistemas sociais, as instituições e estruturas e como eles estão todos unidos para aprender e ensinar.

Ao narrar uma história, estamos nos constituindo pelas experiências que vivenciamos, portanto, é possível compreender as concepções de pesquisa dos professores ao analisar as narrativas de suas experiências. A intenção deste estudo foi ressignificarmos as reminiscências dos professores, com atenção sobre como as experiências narradas ocorreram e, à luz dos pressupostos da pesquisa em sala de aula, significá-las de modo que possam servir de possibilidades de novas construções e reconstrução na prática pedagógica.

Ao expressar sua prática em sala de aula, o professor estará rememorando um saber, que pela narrativa vai ser divulgado podendo servir a ouvintes e leitores, como uma fonte de

informações: uma possibilidade de aprendizado. Para Benjamin (1987, p. 11), a narrativa é como um saber aconselhar:

Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito. Sapiência prática, que muitas vezes toma a forma de uma moral, de uma advertência, de um conselho, coisas com que, hoje, não sabemos o que fazer, de tão isolados que estamos, cada um em seu mundo particular e privado. [...] o conselho não consiste em intervir do exterior na vida de outrem, mas em fazer uma sugestão sobre continuação de uma história que está sendo narrada.

Nessa perspectiva, a narrativa retrata experiências que passam de pessoa a pessoa: é um processo de socialização. Quem expressa a narrativa é o narrador, aquele que está a contar a história. Narrar é saber dar conselhos e isso tem o nome de sabedoria: “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Deleuze (1992, p. 176) define a escrita como uma capacidade de “produzir clarões”, ou seja, por meio da linguagem e pela nossa capacidade de escrita, escrevemos para dar vida, tendo a possibilidade de produzir e articular sentidos. São esses “clarões” que pretendemos produzir e significar por meio das mônadas, sendo essas uma possibilidade de reflexão e subsídio aos professores, no que tange à pesquisa como método de ensino e aprendizagem.

Além da narrativa, a investigação ocorreu por meio da constituição de mônadas, cujos pressupostos são abordados a seguir.

O filósofo italiano Giordano Bruno definiu mônada como “uma substância simples e única”. Usando esse conceito e complementando-o, o filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, escreveu “A Monadologia<sup>2</sup>”. Esse texto refere: “a mônada, da qual vamos falar aqui, não é senão uma substância simples, que entra nos compostos simples, quer dizer, sem partes.” (SOUZA, 2009, p.25). Este autor refere-se à mônada como “enteléquias”, um aspecto da unidade de ordem que ele nomeia como razão e descreve: “Poder-se iam denominar enteléquias todas as substâncias simples ou mônadas criadas, pois contém em si certa perfeição, e tem uma suficiência em torná-las fontes de suas ações internas e por assim dizer, autômatos incorpóreos. (Ibid.p.28). A mônada pode ser compreendida como uma experiência única, uma ideia de não repetição do tempo. Leibniz faz dela uma espécie de “ponto de vista”. Portanto, se este não repete, é uma existência única em poder perceber, sentir e manifestar de forma autêntica e particular suas qualidades. Esse conjunto, que a constituição da mônada compreende de percepções e sentimentos, é definido por Deleuze (1991, p. 47) como: “As mônadas não têm janelas pelas quais algo possa entrar ou sair, não tem buracos, nem portas.” [...] “a mônada tem várias formas ativas de expressão, formas que são suas maneiras, conforme suas percepções sejam sensíveis, afetivas ou conceptuais.”. Continua, dizendo: “[...] a passagem de uma percepção a outra como constitutiva de um devir. Finalmente, esse devir não se acaba sem que o conjunto das percepções tenda a se integrar num prazer inteiro e verdadeiro.” (Ibid. p. 121).

Em virtude dessas definições, compreendemos a mônada como uma abertura para o mundo, uma possibilidade de recomeçar em cada mônada, representando finitamente o infinito: a mônada compreende o todo. Nesse sentido, usamos as narrativas de professores das Ciências da Natureza para compreender as percepções desses sujeitos em situações de práticas de pesquisa em sala de aula e as expressaremos por mônadas. As mônadas são centelhas de sentido, de significado das narrativas, por isso, a construção das mesmas nessa investigação ocorreu à luz dos pressupostos teóricos da pesquisa em sala de aula, as quais expressam as vivências e experiências dos sujeitos de pesquisa. Para buscar uma forma de propor uma

---

<sup>2</sup> A Monadologia ou Princípio da Filosofia foi escrito por Gottfried Wilhelm Leibniz, em 1714.

lógica para a elaboração das mônadas, corroboramos as ideias de Galvão (2005): “existem vários métodos de análise das narrativas dos professores, fundamentando-se em modelos sociológicos e sociolinguísticos, psicológicos, literários e antropológicos”. Nesse sentido, considerando que “dentro do modelo sociolinguístico, Labov propõe uma estrutura bastante pragmática que tem sido aplicada a narrativas em educação” (*ibid.* p.333), decidimos na presente investigação utilizar a lógica de Labov (1972) para elaborar mônadas a partir de narrativas de professores da área de Ciências da Natureza, que relatam experiências com a pesquisa em sala de aula. Nessa lógica, o autor aponta que a narrativa para ser completa deve incluir seis elementos: 1) *resumo* ou substância da narrativa: nessa etapa o narrador apresenta de forma sucinta a sua experiência que será narrada, como uma introdução do que será contado; 2) *orientação*: o narrador situa-se no tempo, indicando lugar, situação e envolvidos em sua narrativa; 3) *complicação da ação*: etapa do relato em que o narrador detalha os acontecimentos para que possam ser compreendidos pelos ouvintes e leitores. 4) *avaliação*: o narrador ao relatar suas reminiscências, faz uma avaliação do que aconteceu, dando sentido a sua ação; 5) *resolução*: após relatar o que aconteceu na ação e sua avaliação da mesma, o narrador explica como a resolução da mesma se deu; 6) *Coda*: trata-se da conclusão de um relato, o fim da narrativa, em que o narrador apresenta suas ideias finais sobre a ação narrada (*ibid.* p.363). A estrutura narrativa que Labov apresenta objetiva diminuir a variabilidade das mesmas, mantendo uma lógica estrutural. Por isso, empregamos essa lógica para evitar a variabilidade também na construção das mônadas, considerando que na literatura não está clara essa construção.

Assim sendo, destacamos nas mônadas os sentidos que elas suscitam ao nosso olhar subjetivo, construído a partir de nossas vivências. Com isso, a título de exemplo, seis mônadas são apresentadas a seguir, sendo analisadas à luz dos pressupostos da pesquisa em sala de aula (MORAES, GALIAZZI; RAMOS, 2012), considerando o seu aconselhar e possibilitando ao leitor interpretá-los. Nesta investigação, os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios, a fim de garantir o anonimato.

## **Mônadas**

### **Argumentação em sala de aula a partir da pesquisa.**

*Acredito que a pesquisa em sala de aula é fundamental, pois sabemos que existem diferentes tipos de inteligência e a pesquisa é um método de ensino que permite que o estudante descubra qual o seu. Durante este ano estou trabalhando com o Ensino Fundamental o que é a ciência, o método científico e epistemologia. Com o tempo, trabalhamos alguns aspectos que poderíamos utilizar para argumentar, exemplificar, diferenciar nossos argumentos ou opiniões e a diferença é notável. Noto uma evolução desde o início do ano em relação ao resultado das discussões dos estudantes. Inicialmente, sem prática, o trabalho escrito resultante do debate entre duplas ou trios era simples. Percebe-se que o estudante ao participar da aula como sujeito, pratica a autonomia e o autoconhecimento, e pode adquirir o conhecimento com o seu tipo de inteligência. (Larissa)*

### **A pesquisa como processo integrante do cotidiano do estudante.**

*A pesquisa parte da contextualização do objeto de estudo, de como o fenômeno está presente no dia a dia do aluno, então, procuro elencar problemas do cotidiano. Fiz a proposição de um trabalho de observação da realidade e levantamento de dados para a problematização. Os alunos apresentaram o problema da falta de água na escola e do*

*desperdiço do líquido na face externa do aparelho de ar condicionado de algumas salas, assim, foi desenhado um coletor que permitisse a captação de água que, antes, era desperdiçado. Identificado(s) o(s) problema(s), procuro que os alunos levantem hipóteses e finalmente, vamos á procura de respostas que atendam ou não as hipóteses elencadas. Esta pesquisa pode ser bibliográfica, por meio de experimentação, debates, seminários e outros. O reuso dessa agua foi direcionado para os banheiros da escola. (Beatriz)*

### **A pesquisa na sala de aula partindo do interesse dos estudantes.**

*A pesquisa na sala de aula é uma metodologia de aprendizagem. Com os alunos, tento iniciar cada tópico novo com uma pequena pesquisa, a qual apresenta perguntas-chave sobre o tema a ser trabalhado. O conteúdo da aula emerge das respostas dos alunos. A partir de filmes de ficção científica escolhidos pelos alunos, solicitei que cada um fizesse sete perguntas sobre cada filme. Juntei e categorizei as questões, repassei para os grupos formados pelos estudantes e solicitei que respondessem a essas perguntas por meio de uma apresentação. Os estudantes disseram que gostaram muito do trabalho, pois aprenderam sobre temas que sempre se indagavam quando assistiam a filmes de ficção. É importante lembrar que pesquisar é diferente de buscar; na pesquisa, além da busca por informações, é importante relacionar o que se encontra nas diferentes fontes, no intuito de responder à questão de pesquisa.(Alyssa)*

### **Pesquisa desenvolve a autonomia critica e criativa.**

*Pesquisa é propor aos estudantes, situações problemas as quais eles se empenharão na busca por respostas e soluções. Em uma determinada disciplina da faculdade realizamos uma pesquisa no município de São Francisco de Paula. No Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata, coletamos dados para escrever um protótipo de um artigo. Com base nesse tema buscamos referenciais teóricos, descrevemos os métodos utilizados e os resultados obtidos. Esse processo desenvolve a autonomia crítica e criativa, potencializando habilidades e competências. Nas escolas, a pesquisa é sinônimo de apresentar aos estudantes uma temática e com o auxílio da internet buscam dados e informações sobre esse tema. Pesquisar na sala de aula significa envolver os estudantes em atividades nas quais eles atuem ativamente como parceiros de trabalho do professor.(Luiza)*

### **A pesquisa como forma autônoma de aprender, num processo de rotina na sala de aula.**

*Na minha concepção, pesquisa em sala de aula deve ser uma das principais ferramentas que o professor deve usar ao planejar aulas. Na disciplina de Tutoramento III da faculdade, aprendi a importância do educar pela pesquisa em sala de aula. No decorrer das aulas, fui desenvolvendo uma unidade de aprendizagem junto com a professora com o tema combustível, e fui incorporando na unidade atividades baseadas na pesquisa. Pesquisa em sala de aula é quando o estudante se aprofunda em um determinado conhecimento dependendo mais de sua própria autonomia do que um apoio do professor, fazendo conjecturas e conclusões sobre o objeto de pesquisa, interpretando a importância para a sociedade. Essa estratégia muitas vezes sofre alguma resistência por parte dos estudantes, pois na maior parte das situações vividas dentro da sala de aula eles se comportaram como meros espectadores. Ao aplicar essa unidade na escola, vi a importância do educar pela pesquisa, pois identifiquei que os alunos atingiram todos os objetivos propostos. A pesquisa deve se tornar algo rotineiro para os estudantes, que não seja apenas uma atividade*

*raramente usada. (Cássio)*

## **Pesquisa como modo de construir novos conhecimentos.**

*Na sala de aula, pesquisa é construir novos conhecimentos, é a descoberta de coisas novas. Com o problema atual de diversas doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, os estudantes foram convidados a pesquisar sobre outras doenças transmitidas por mosquitos, além daquelas que são mais divulgadas pelos meios de comunicação. Depois da pesquisa, as turmas identificaram possíveis focos de proliferação desses insetos. Em seguida, criaram armadilhas para captura e verificaram que nos locais passíveis de proliferação, realmente existia uma grande quantidade de mosquitos. Por fim, criaram estratégias para diminuição da reprodução desses vetores. Essa atividade, que envolveu pesquisa e resolução de problema certamente influenciou positivamente na aprendizagem dos estudantes. Os conteúdos foram trabalhados de forma diferenciada e conectada com o contexto dos alunos. Entendo a pesquisa na sala de aula como um processo investigativo, na busca de soluções para um problema. (Martina).*

## **Compreensões emergentes: amálgama das mônadas com a pesquisa em sala de aula**

Não pretendemos aqui explicar o que as mônadas trazem, mas sim, apontar suas relações com a pesquisa em sala de aula e deixar o leitor livre para interpretar seus significados, conforme orienta Benjamin (1987). É nosso intuito, por meio dessas narrativas, promover nos leitores a reflexão sobre sua prática e, se estes entenderem necessário, rever suas ações. A pesquisa em sala de aula, como método de ensino e aprendizagem, propõe uma reconstrução constante de conhecimento, portanto, uma possibilidade continua de ampliar e reconstrução de saberes. Segundo Moraes (2007, p.25), “aprender é reconstruir o que já foi anteriormente construído, tornando-o mais complexo, mais rico e mais amplo”. As mônadas aqui analisadas trazem consigo os termos “construir” e “reconstruir”. Entendemos com isso que a pesquisa é uma forma envolvente de aprendizagem: de construção e reconstrução do conhecimento. Nesse sentido, o relato de Martina revela: “[...] *a pesquisa influencia positivamente na aprendizagem, nos leva à construção de novos conhecimentos, à descoberta de coisas novas*”. Larissa também se expressa nesse sentido: “[...] *percebe-se que o estudante ao participar da aula como sujeito, pratica a autonomia e o autoconhecimento*”.

A narrativa de Beatriz revela que “*a pesquisa parte da contextualização do objeto de estudo, de como o fenômeno está presente no dia a dia do aluno*”. Partindo dessa ideia, a pergunta e a problematização do estudante é importante para o ponto de partida da pesquisa em sala de aula, uma vez que essas derivam do cotidiano e interesses dos estudantes. Se os relatos apontam para a relevância da pesquisa no processo de formação dos sujeitos, cabe ao professor, em qualquer nível de ensino, acreditar que isso é possível e mediar o processo para que os objetivos sejam alcançados. A narrativa de Alyssa reforça o significado da pesquisa dizendo: “[...] *é importante lembrar que pesquisar é diferente de buscar; na pesquisa, além da busca por informações, é importante relacionar o que se encontra nas diferentes fontes, no intuito de responder à questão de pesquisa*”. Assim, se quisermos formar sujeitos capazes de mudar a realidade em que vivemos, e que sejam críticos, autônomos, com habilidades e competências desenvolvidas, que os possibilite ascender pessoal e profissionalmente, o desenvolver dessas capacidades é função primeira da família e num segundo momento, é atribuição da escola. Portanto, a autonomia do aprendente deve ser respeitada e incentivada.

Freire (2015) refere que respeitar a autonomia e a dignidade dos estudantes é uma questão ética e não favor que podemos nos conceder mutuamente. Nesse sentido, a pesquisa em sala de aula é uma proposta que contempla o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, pelo fato de que ela instiga a busca, e o buscar tira o sujeito da passividade, respeitando seus saberes e o tornando independente. Isso é evidenciado no enunciado de Luiza, quando afirma: “*esse processo desenvolve a autonomia crítica e criativa, potencializando habilidades e competências*”.

Ao falarmos do protagonismo do estudante, estamos de forma indireta nos referindo à sua capacidade de construir e isso perpassa pelo diálogo e pela pesquisa, como método de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Luiza afirma: “*pesquisar na sala de aula significa envolver os estudantes em atividades nas quais eles atuem ativamente como parceiros de trabalho do professor*”. O relato de Cássio refere: “*a pesquisa em sala de aula deve ser uma das principais ferramentas que o professor deve usar ao planejar aulas*”. Portanto, a pesquisa em sala de aula é um método de ensino e aprendizagem a ser explorado e utilizado pelos professores, tendo em vista às necessidades atuais de desenvolver relações construtivas e de tornar o ambiente de sala de aula um espaço acolhedor, motivador, no qual o estudante tenha vontade de estar e de aprender. Assim, as narrativas aqui apresentadas nos dão uma visão ampla e significativa desse método. Contudo, ele exige não só do estudante, mas também do professor, organização, planejamento e estudo. E antes disso, acreditar que a mudança é possível.

## Referências

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I** -magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, A **Dobra: Leibniz e o barroco**. São Paulo: Papyrus, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GALVÃO, C. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**. v.11,n. 2, p.327-345, 2005.
- LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- MORAES, R. Aprender ciências: reconstruindo e ampliando saberes. In: GALIAZZI, M. C.; AUTH, M.; MORAES, R.; MANCUSO, R. (Orgs.) **Construção curricular em rede na educação em ciências**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2007. p. 19-38.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C.; RAMOS, M. G. Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos. In. MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Orgs.) **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 11-20.
- SOUZA, F.L.B.G. **Leibniz: a monadologia e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2009.